



## TotalEnergies diz que conflito em Cabo Delgado não está associado ao desenvolvimento dos projectos de gás

- Esta declaração surge no contexto da resposta às acusações de “homicídio involuntário” e “não assistência a pessoa em perigo” durante o assalto terrorista à vila sede do distrito de Palma. O processo-crime foi aberto por um grupo de sete queixosos, sul-africanos e britânicos, onde constam três sobreviventes do ataque e quatro familiares das vítimas, que acusam a empresa de não ter prestado ajuda. Entretanto, a TotalEnergies diz que conflito é anterior ao seu projecto e está ligado a muitos factores não relacionados com o GNL de Moçambique. E mais: a petroquímica francesa diz que mobilizou recursos para evacuar mais de 2.500 pessoas, entre trabalhadores da empresa, de empresas subcontratadas, empreiteiros e civis.





**A** TotalEnergies rejeitou no último dia 11 de Outubro, através de um comunicado de imprensa, as acusações de ter deixado sem apoio civis e trabalhadores de empresas subcontratadas. No documento, a empresa detalha “a assistência de emergência prestada pelas equipas do Mozambique LNG e os recursos mobilizados para evacuar mais de 2.500 pessoas (civis, pessoal, empreiteiros e subcontratados) em Afungi, onde está localizado o projecto de Moçambique”.

Os processos por “homicídio involuntário” e “não assistência a pessoa em perigo” durante o assalto terrorista à vila sede do distrito de Palma foram abertos por um grupo de sete queixosos, sul-africanos e britânicos, onde constam três sobreviventes do ataque e quatro familiares das vítimas, que acusam a empresa por não ter prestado ajuda. Diz a acusação que o grupo francês e a filial moçambicana Total E & P Mozambique falharam no seu dever de protecção dos subcontratados do megaprojecto de gás natural liquefeito e, depois do início do ataque, de salvamento das pessoas em perigo de morte imediata”.

Entretanto, a empresa francesa demarca-se das acusações que lhes são imputadas, pois entende que “o conflito na província de Cabo

Delgado, no norte de Moçambique, é anterior ao desenvolvimento dos projectos de gás na região e está ligado a muitos factores não relacionados com o GNL de Moçambique”. A afirmação da TotalEnergies contraria a narrativa (também defendida pelo Governo moçambicano) segundo a qual o conflito iniciado a 5 de Outubro de 2017 em Mocímboa da Praia e que assola o norte de Cabo Delgado eclodiu devido à descoberta e o início da prospecção de gás na Bacia do Rovuma.

A TotalEnergies nega que qualquer consequência do conflito, incluindo o assalto à Palma em Março de 2021, não deve ser vista como responsabilidade do projecto LNG, pois esta encontrou o conflito. Lembre-se que os projectos começaram em 2010, com a descoberta de uma vasta quantidade de gás natural na Bacia do Rovuma. A TotalEnergies tornou-se líder do consórcio da Mozambique LNG depois de ter comprado os activos da empresa americana Anadarko, em 2019, por 3.9 biliões de dólares.

Na nota de imprensa, a TotalEnergies indica que mobilizou recursos excepcionais para uma empresa, destacando: (i) o facto de ter cedido a pista do aeródromo de Afungi que foi utilizada pelas autoridades de Moçambique e organizações internacionais que operam na área para

evacuar pessoas por via aérea; (ii) ter fornecido combustível às autoridades de Moçambique para as operações de evacuação e salvamento; (iii) os funcionários da Mozambique LNG distribuíram alimentos e água aos civis abrigados na entrada da unidade de Afungi; (iv) as equipas médicas do Mozambique LNG foram mobilizadas para prestar assistência médica de emergência aos civis feridos que foram evacuados por via aérea e marítima do local de Afungi; (v) o hospital de Afungi também foi disponibilizado.

Relativamente à acusação de ter negado de fornecer combustível ao DAG, a nota de imprensa esclarece que a empresa militar sul-africana foi contratada em 2020 pelo Governo de Moçambique para realizar missões ofensivas de segurança militar contra grupos terroristas no norte de Moçambique, e durante essa época várias ONG's denunciaram crimes graves contra a população local, supostamente perpetrados pelo DAG. Assim, "por estas razões, o Mozambique LNG decidiu que não apoiaria as opera-


ções militares ofensivas levadas a cabo pela DAG, mas prestou assistência nas operações de resgate realizadas sob a autoridade das forças de segurança do Governo".

Apesar de na altura a TotalEnergies ter estimado que existiam pelo menos 23.000 pessoas refugiadas em Afungi e na vila de reassentamento de Quitunda, a empresa escreve no comunicado que não existe uma contagem oficial do número de civis mortos e desaparecidos na sequência do ataque de Palma, mas sublinha que o ataque ceifou muitas vidas e fez com que parte da população civil fugisse da área. Todavia, a denúncia baseia-se principalmente na investigação do jornalista Alex Perry, que ao longo de 15 meses se debruçou sobre o que aconteceu em Palma, onde concluiu que os dados fornecidos pelo Governo moçambicano sobre as consequências do ataque não correspondiam à realidade, uma vez que morreram cerca de 1.357 pessoas, entre civis e trabalhadores das empresas subcontratadas.

#### INFORMAÇÃO EDITORIAL:

**Propriedade:** CDD – Centro para Democracia e Desenvolvimento  
**Director:** Prof. Adriano Nuvunga  
**Coordenador do Programa:** Américo Maluana  
**Editor:** Emídio Beúla  
**Autor:** Abdul Tavares  
**Layout:** CDD

**Contacto:**  
Av. Marginal nº 1182, Bairro de Cariacó, Cidade de Pemba – Cabo Delgado  
Telefone: +258 21 085 797

 CDD\_moz  
**E-mail:** [info@cddmoz.org](mailto:info@cddmoz.org)  
**Website:** <http://www.cddmoz.org>

#### Parceiros:



Schweizerische Eidgenossenschaft  
Confédération suisse  
Confederazione Svizzera  
Confederaziun svizra

Embaixada da Suíça em Moçambique